

SELEÇÃO DE TEXTOS BÁSICOS  
SPERIDIAO FAISSOL

**URBANIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO**

Relações com o

Desenvolvimento Econômico

1.ª Edição — 2.ª Tiragem

FRANÇOIS PERROUX

**3. O conceito de pólo de  
crescimento**

François Perroux, Professor de Economia da Sorbonne, Paris.

Este artigo foi transcrito de *Regional Economics: Theory and Practice*, pp. 93-104,  
Free Press, N. York, 1970, 264 p.

G. Cassel<sup>1</sup> desenhou o modelo duma economia em crescimento regular e sem variações de proporção entre os fluxos. A população cresce; a produção global cresce na mesma proporção que a população, sendo constante a relação entre o fluxo dos bens de produção e o fluxo dos bens de consumo; a propensão para o consumo e para a poupança, os coeficientes de produção, o tempo de trabalho permanecem invariáveis; o capital real aumenta num ritmo exatamente proporcional à produção e ao consumo; o rendimento real por habitante permanece constante; o índice do nível geral dos preços e os preços relativos não sofrem variação. Em resumo "a economia é em cada período a réplica exata da economia do período anterior, somente as quantidades são multiplicáveis por determinado coeficiente".<sup>2</sup>

Da mesma forma, J. Schumpeter elaborou um sistema de crescimento onde, em oposição ao circuito estacionário, população, produção e capital aumentam de período para período exatamente nas mesmas proporções; onde produtos, serviços e moeda executam os mesmos percursos, onde os fluxos aumentam sem variações de estrutura nem flutuações".<sup>3</sup>

Como sabemos, o equilíbrio estático e o circuito estacionário são instrumentos lógicos adequados a por em evidência as variações e a classificar-lhes os tipos. Identicamente, o crescimento sem variação de proporções ou de flutuações (que prefigura as modalidades contemporâneas de crescimento equilibrado) é um instrumento de compreensão e classificação das variações de estru-

(1) *Theoretische Sozialökonomie*, 4ª ed., Leipzig, 1927, 1ª ed., 1918.

(2) J. Tinbergen e J. J. Polak, *The Dynamics of Business Cycles. A study in economic fluctuations*, Chicago, 1950, p. 126, citado por W. Kraus, *Multiplikator, Akzessor, Wachstumsraten und Konjunkturzyklen*, in *Weltwirtschaftliches Archiv*, 1954, 73, p. 64.

(3) F. Perroux, *La pensée économique de Joseph Schumpeter* (introdução à tradução francesa da *Theorie des wirtschaftlichen Entwicklung*, Daloz, 1933): "Les trois analyses de l'évolution et la recherche d'une dynamique locale chez J. Schumpeter", in *Economie appliquée*, Abril-Junho de 1951.

tura, das flutuações, dos progressos (ou eventualmente dos regressos) que são concomitantes com todo e qualquer crescimento observável.

Nenhum crescimento dum economia concreta se traduz no modelo que acaba de ser caracterizado.

Um dos aspectos das variações de estrutura consiste no aparecimento e desaparecimento de indústrias, na proporção variável das diversas indústrias no fluxo de produto industrial global ao longo de períodos sucessivos, em taxas de crescimento diferentes para as diferentes indústrias no decurso dum mesmo período ou de períodos sucessivos.

Outro aspecto evidente das variações de estrutura dum economia nacional é a propagação do crescimento dum industria (ou grupos de indústrias). O aparecimento dum industria nova ou crescimento dum industria existente propagam-se por intermédio dos preços, fluxo e antecipações. No decurso de períodos mais longos, os produtos dum industria ou grupo de indústrias, profundamente transformados e por vezes dificilmente reconhecíveis em comparação com o seu esboço inicial, possibilitam novas invenções que dão origem a novas indústrias.

O fato, rudimentar mas consistente, é este: o crescimento não surge em toda a parte ao mesmo tempo; manifesta-se com intensidades variáveis, em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se, seguindo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia.

Examinar esta modalidade de crescimento é tornar explícita e susceptível de tratamento científico uma perspectiva já patente em vários trabalhos de elaboração teórica,<sup>4</sup> imposta pela observação dos países de crescimento retardado,<sup>5</sup> manifesta na política dos Estados modernos.<sup>6</sup>

(4) J. Shumpeter explica pela inovação, isto é, pela criação de novas indústrias (em sentido lato), tanto o ciclo de Juglar, como o ciclo de Kondratieff. J. Masurice Clark põe em relevo o papel dos fatores no ciclo de curta duração e não há evidentemente razão alguma para que a sua influência não se faça sentir em períodos que abranjam vários ciclos. Ao invés, é importante distinguir entre as variações estruturais (de proporções e de conexões) observáveis em ciclos de curta duração (de duas ou quatro fases) e as variações de estrutura observáveis no período dum século.

(5) O método preconizado constitui nos chamados países subdesenvolvidos. Em grande número deles encontram-se indústrias capitalistas (hoje em dia centros de exploração petrolífera) implantadas em economias que permanecem em grande parte no estágio da economia natural ou artesanal. O conjunto da economia não se acha ainda articulada por redes de preços, fluxos, antecipações. Passa a ser o transporte, pouco a pouco constituindo o núcleo de crescimento que, ligados pelas vias e meios de transporte, pouco a pouco constituem a infra-estrutura da economia de mercado. O isolamento geográfico e econômico dos pólos de crescimento que se observa nestes casos ilustra perfeitamente as obstáculos à propagação das expansões e contrações cíclicas que atingem as indústrias capitalistas "importadas"; por outro lado, esse isolamento deixa entrar as alterações de sistemas (tipos de organização) e de estrutura que pouco a pouco possibilitam falar — sem artificialidade — dum economia nacional.

(6) Este método possibilita o acesso, tanto às políticas de crescimento praticadas pela Rússia soviética, como às do mundo livre; tais políticas seriam rebeldes às análises

Consideraremos sucessivamente: 1.º) a indústria motriz e o crescimento; 2.º) o complexo de indústrias e o crescimento; 3.º) o aumento dos pólos de crescimento e o crescimento das economias nacionais.

## 1 — INDÚSTRIA MOTRIZ E CRESCIMENTO

Nos crescimentos ao alcance da nossa observação, a atenção é atraída para determinadas indústrias.

Mais cedo do que as outras, desenvolvem-se segundo formas que são as da grande indústria moderna; separação dos fatores de produção entre si, concentração de capitais sob o mesmo poder, decomposição técnica de tarefas e mecanização.

Durante determinados períodos estas indústrias apresentam taxas de crescimento do seu produto próprio mais elevada do que a taxa média de crescimento do produto industrial e do produto da economia nacional.

A sua taxa de crescimento, primeiramente acelerada durante uma série de períodos, atinge um limite, após o que sofre uma diminuição relativa.<sup>7</sup> Para além de causas accidentais, existem causas de ordem geral para esse ritmo. Os progressos técnicos do lançamento no mercado são normalmente seguidos, durante certo tempo, de progressos menores. A procura do produto passa a ser menos elástica. A especulação, depois de alimentada pelo lançamento do produto, extingue-se ou reduz-se e desloca-se.

A observação das indústrias que oferecem as características apontadas permite formular duas perguntas:

a) É possível representar analiticamente a ação exercida por uma indústria motriz sobre outra indústria?

b) Como se exerce a ação da indústria motriz sobre o produto global da economia?

do equilíbrio geral ou aos modelos abstratos de combinações de fluxos globais. Tem-se em vista tanto a criação de pólos industriais no Orul ou na Ásia Russa como a política de "complexos industriais" preconizada — e mesmo já iniciada — na África. Um dos esquemas característicos da operação é o seguinte: um centro de extração de matéria-prima está combinado com um centro de produção de energia e, por vias de comunicação, com centros intermediários ou de transformação. O que no passado frequentemente teve realização mediante fundações sucessivas, através de projetos ou planos que as autoridades procuravam a sua coordenação, é hoje tentado mediante a constituição dum pólo complexo (um amador de metaforas ceteris paribus, a constituição dum motor, em vez de procurar-se a lei do seu ajustamento, são montadas em conjunto). E, em todo o caso, dum motor que se trata. O pólo complexo exige novas criações, abala regimes e altera a estrutura do meio que anima.

(7) Cfr. às séries estudadas por Simon Kuznets, *Secular movements of production and prices* Boston, 1930; "Retardation of industrial growth", cap. IX, in *Economic Change*, New York, 1953; *Toward a theory of economic growth*, contribuição para o segundo centenário da Universidade, Columbia, 1954.

a) No equilíbrio geral de concorrência perfeita, a realização do produto global ótimo resulta da realização do máximo de lucro por empresa individual. O lucro de cada empresa individual é função do seu volume de produção<sup>8</sup> e das suas compras de serviços.

Nestas condições, cada empresa realiza o máximo de lucro em resultado de decisões próprias que são tomadas tendo em consideração o preço, único indicador que liga as suas decisões às das outras empresas; toda a interdependência das empresas é função do preço.

Totalmente distinta<sup>9</sup> é a situação em que o lucro duma empresa é função do seu volume de produção, do seu volume de compra de serviços, do volume de produção e compra de serviços de outra empresa. Nesta outra situação, as duas empresas não se encontram entre si ligadas apenas pelo preço, mas também pelo volume da sua produção e de compra de serviços, isto é — uma vez que estes elementos dependem da técnica e suas modificações — as empresas encontram-se ligadas pela técnica praticada por elas e suas modificações.

É esta uma das definições recentes de economia externa (external economy).

Se assimilarmos a indústria a uma empresa, o que fica dito das inter-relações entre empresas pode dizer-se das inter-relações entre indústrias; se eliminarmos o conceito de indústria, e apenas representarmos um conjunto de empresas, a aplicação das economias externas é imediata.

Em vez de se formarem em resultado das decisões de cada empresa relativamente ao seu volume de produção e compra de serviços, os lucros são induzidos pelo volume de produção e compra de serviços de outra empresa. Na medida em que o lucro é o motor da expansão e crescimento capitalistas, a ação motriz não decorre já da prossecução e realização de lucro por cada empresa individual, apenas ligada às outras pelo preço, mas sim da prossecução e realização de lucro por empresas individuais que singularmente sofrem as consequências do volume de produção, do volume de compras de serviços e da técnica praticada pelas outras empresas.

Esta modificação implica duas consequências importantes para a compreensão do crescimento: 1.º) mostra como se podem realizar a expansão (curta) e o crescimento (longo) de grandes con-

junto de empresas; 10) 2.º) põe em evidência a diferença entre o investimento, cujo volume e natureza são decididos em função da rentabilidade exclusivamente alcançada pela empresa que investe, e o investimento cujo volume e natureza são ou deviam ser decididos tendo em conta os lucros e outras utilidades induzidas. 11, 12

b) Como se exerce a ação da indústria motriz sobre o produto global da economia?

O nascimento duma indústria nova é sempre fruto duma antecipação. Um ou vários sujeitos económicos concebem uma situação nova; julgam-na possível; assumem os riscos da sua realização. O projeto depende da amplitude do seu horizonte económico, e concretiza-se num plano ou, mais exatamente, em planos alternativos e susceptíveis de correções no decurso de períodos sucessivos. Na medida em que esses planos são ou se tornam compatíveis com os planos dos outros sujeitos económicos<sup>14</sup> no âmbito do mesmo conjunto, a antecipação torna-se criadora.

Se todos os fatores empregados tiverem estado sem emprego e a criação não impuser perdas a qualquer outro setor, o produto da indústria resultará em aumento líquido do produto global da economia verificando em fase anterior.

Se todos os fatores empregados no processo de crescimento forem fornecidos por via de "substituição" num processo de crescimento (sendo os capitais amortizados substituídos por capitais mais produtivos, cedendo às forças de trabalho que se reítram, o lugar a forças de trabalho qualitativamente superiores, não sendo,

(10) O crescimento duma indústria A (Tibor Scitovsky, "Two concepts of External Economies", art. cit., p. 149) pode induzir lucros:

— numa indústria B que compre os fatores produzidos pela indústria A;

— numa indústria C cujo produto seja complementar do produto da indústria A;

— numa indústria D cujo produto seja um sucedâneo dos fatores utilizados pela indústria A;

— numa indústria E cujo produto seja consumido por indivíduos cujos rendimentos aumentam por efeito do crescimento da indústria A.

(11) Segundo a teoria geral do equilíbrio das pequenas unidades em regime de concorrência perfeita, o ótimo de investimento não é realizável sendo no caso de cada unidade poder fazer investimentos adicionais marginalmente divisíveis. Só com esta condição o empresário pode ignorar rendimentos marginal e custo marginal do investimento adicional e, realizadas as condições de divisibilidade em relação a todas as outras variáveis que tem de tomar em conta na sua decisão, igualar o custo marginal ao preço. Sabemos bem que a condição de divisibilidade perfeita não se verifica na realidade, quer no caso do empresário privado (alto forno siderúrgico), quer no do empresário público (canal, linha de caminhos de ferro, ponte). Em todos os casos, se aplicasse a teoria geral do equilíbrio, o empresário teria de se abster ou de agir economicamente de forma irracional. Verifica-se que não se abstém e que a sua decisão, irracional no ponto de vista da rentabilidade individual, pode ser muito racional sob o prisma da produtividade colectiva.

Assim sucede sempre que os lucros que induz num conjunto vêm adicionar-se aos seus lucros ou compensar as suas próprias perdas. (Generalizando, poderia dizer-se: sempre que utilidades induzidas num conjunto vêm adicionar-se às utilidades dum setor particular ou compensar as suas perdas).

Nos casos concretos de crescimento, os empresários atuam, efetivamente, como se a teoria do equilíbrio geral das micro-unidades fosse restrita e parcial, e a sua atitude é muitas vezes economicamente justificada em face do conjunto e numa perspectiva dinâmica da sucessão dos acontecimentos.

(12) Tibor Scitovsky, mesma referência da nota 5.

(13) Número de variáveis, extensão da antecipação.

(14) Produtores e consumidores.

(8) O termo francês *débit*, que vimos traduzindo por "volume de produção", significa também o fluxo de venda, ou volume de vendas duma unidade económica. No caso do texto, o lucro seria uma função dum volume de produção colocado no mercado, vendido, portanto, a um preço determinado. N. T.

(9) Tibor Scitovsky, "Two concepts of external economies", in *The Journal of Political Economy*, Abril de 1954, p. 143 e segs.

por outro lado, infligida qualquer perda aos setores estranhos àqueles em que se opera a substituição), o produto global registrará ainda um aumento líquido.

Se uma fração dos fatores empregados for subtraída aos circuitos precedentes com perda de produtividade em alguns dos seus setores, o aumento do produto global será a soma algébrica dos ganhos e perdas em produtividade.

Uma vez que a nova indústria está presente na economia, a sua ação sobre o produto global pode, através dos períodos, ser da mesma forma analiticamente examinada, distinguindo-se: 1.º) a sua participação própria no produto global (medida do seu produto no âmbito do produto global); 2.º) o excedente de produto por ela induzido, de período em período, no meio. Como uma indústria nova não aparece em geral sozinha, como os crescimentos das indústrias novas se sobrepõem e entrecruzam, o aumento do produto global é função: a) do volume dos produtos adicionais próprios das novas indústrias tomadas em conjunto; b) do volume dos produtos adicionais induzidos das novas indústrias tomadas em conjunto.<sup>15</sup>

Estas conexões *ex post* estabelecidas pelo volume de produção, pelo volume de compras de serviços e pela técnica não bastam, porém, ainda para uma tomada de consciência total dos fatos historicamente observados. O aparecimento de uma ou várias indústrias altera, diz-se correntemente, a "atmosfera" de uma época, cria um "clima" favorável ao crescimento e ao progresso. Eis belas metáforas, palavras que, no entanto, registram conexões significativas susceptíveis de serem submetidas à análise. A novidade introduz variáveis diferentes e/ou suplementares no horizonte econômico e nos projetos dos sujeitos econômicos e grupos de sujeitos econômicos dinâmicos: tem um efeito instabilizador. A novidade lograda por determinados sujeitos econômicos assume valor de exemplo para outros e suscita imitações, por sua vez criadoras. Finalmente, a novidade lograda, suscitando um excedente de desigualdade entre sujeitos econômicos conscientes das suas atividades e do resultado dessas atividades, intensifica a sua vontade de ganho relativo a sua vontade de poder relativo.

Como cada equilíbrio econômico dinâmico está ligado a um equilíbrio social dinâmico, uma acumulação de perturbações no primeiro repercute-se no segundo. As novidades no funcionamento da economia implicam novidades na estrutura da economia ou, mais precisamente, a alteração das características técnicas e econômicas das funções provoca alterações das características jurídicas e políticas das instituições. Como tais influências não se exercem unicamente, nem mesmo principalmente, *ex post*, não há

(15) Passam, assim, a ser inteligíveis os efeitos de condensação de criações ou transformações de indústrias durante determinado período.

nestas conexões seqüências de sentido único, constantes e necessárias. No decorrer dum período, em presença duma constatação de novidades, todos os sujeitos econômicos capazes de antecipação criadora são estimulados e arrebatados. E isto, quer a propósito de uma série determinada de operações durante um período relativamente curto (é a "febre dos canais", "a febre dos caminhos de ferro", a "febre do ouro") quer a propósito dum grande número de operações novas, e ainda que seja lenta ou muito lenta a difusão do seu efeito no conjunto: são (para empregar às expressões correntes e que hoje se sabe serem imperfeitas) as "revoluções industriais" ou as "revoluções agrícolas".

Ainda que acolhendo a intuição fundamental em que se opõem inovação e rotina, é uma análise, como se terá verificado, muito diferente da que J. Schumpeter nos ofereceu. Este último fixou unilateralmente a sua atenção sobre o papel dos empresários privados e especialmente dos grandes empresários privados; mas os poderes públicos e as suas iniciativas, assim como as pequenas inovações de adaptação, não podem ser esquecidas. J. Schumpeter raciocina na base dum equilíbrio estacionário estável, cujo análogo na realidade seria fornecido pela contração cíclica num país de capitalismo; mas a análise a que procedemos admite fundamentalmente que não existe situação real que traduza o equilíbrio estacionário estável e que não passa dum instrumento apto a assimilar e classificar as variações e instabilidades. Por fim, J. Schumpeter elabora a sua teoria para um regime de concorrência perfeita (ou aproximada); a presente análise engloba as numerosas formas de concorrência monopolística no mais lato sentido do termo (monopólios, oligopólios e combinações de monopólios e oligopólios).

Permaneça portanto aberta à noção de complexo de indústrias.

## 2 — COMPLEXO DE INDÚSTRIA E CRESCIMENTO

Com a expressão "complexo de indústrias", não pretendemos referir apenas a presença de várias indústrias postas em comunicação entre si por conexões parietanas ou não parietanas; com ela queremos introduzir na análise três elementos: 1) a indústria-chave; 2) o regime não concorrencial do complexo; 3) o fato da concentração territorial.

1. Conceba-se uma indústria que tenha a propriedade de, mediante o aumento do seu volume de produção (e de compra de serviços produtivos), aumentar o volume de produção (e de compra de serviços) de outra ou várias indústrias. Designemos de movimento (segundo esta aceção determinada) a primeira indústria como motriz e a segunda (ou segundas) como movida.<sup>16</sup>

(16) Apenas temos aqui em conta as ações que acabam de ser definidas.

A indústria motriz pode aumentar o volume de produção para utilizar plenamente e o melhor possível os seus capitais fixos, isto é, a fim de laborar num ponto cada vez mais baixo das suas curvas de custos. Ao atingir o ótimo do seu volume de produção, e a menos que se trate dum monopolista que pratique um preço constante, pode proceder a novas reduções de preço que induzirão novos aumentos do volume de produto das indústrias movidas. Terá precisamente interesse em o fazer, se tiver conhecimento das consequências que vão provocar o aumento do seu volume de produção e a redução do preço. O aumento do volume de produção das indústrias motrizes pode, por conseguinte, resultar duma antecipação dos efeitos provocados nas indústrias movidas ou, no caso de hesitações ou lentidão por parte dos diretores das indústrias motrizes, dum estímulo do Estado sob a forma, por exemplo, de subsídio.

A propriedade examinada existe, em grau variável, em todas as indústrias motrizes. Designemos por indústria-chave aquela que induz na totalidade dum conjunto, por exemplo duma economia nacional, um crescimento de volume de produção global muito maior do que o crescimento do seu próprio volume de produção.

Equivale isto a dizer que não se pode elaborar duma vez para sempre uma lista de indústrias-chave segundo os seus caracteres exteriores e técnicos. As indústrias que fabricam complementares múltiplos — matéria-prima, energia, transportes — têm efetivamente tendência para se tornar indústrias-chave, mas há outras condições necessárias para que assumam essa natureza.

O conceito de indústria-chave, essencialmente relativo, é um instrumento de análise que, em cada caso concreto, exige uma definição precisa do conjunto movido, do período considerado, do dualismo indústria motriz — conjunto movido. O fato decisivo é que, em toda e qualquer estrutura duma economia articulada, existem indústrias que constituem pontos privilegiados de aplicação das forças ou dinâmismos de crescimento. Quando estas forças provocam um aumento do volume de vendas duma indústria-chave, provocam também a forte expansão e crescimento dum conjunto mais amplo.

2. O regime do complexo de indústrias é, com frequência, por si mesmo "instabilizador", por ser uma combinação de forças oligopolísticas.

Conhecemos variados tipos de regimes de indústrias que, mesmo quando é possível construir teoricamente o seu equilíbrio estático, se revelam bem pouco estáveis se considerados dum ponto de

vista dinâmico e em condições não demasiado afastadas da realidade.

O monopólio parcial pode facilmente impor um acordo às pequenas empresas satélites ou nelas participar mediante a utilização de reservas acumuladas. O duopolista de grande capacidade e baixo custo pode agir da mesma forma em face do duopolista de pequena capacidade e custo elevado. No acordo tácito, as posições de cada uma das partes não ficam determinadas duma vez para sempre, identicamente ao que acontece com um grupo constituído em torno dum líder. A luta oligopolística, conflitos de eliminação, conflitos visando a subordinação duma parte à outra, o acordo, são consequências possíveis — e de fato frequentemente observadas destas situações. A ação "instabilizadora" de cada um destes regimes isoladamente considerado é fator de crescimento quando, a longo prazo, a empresa dominante eleva a produtividade da indústria e realiza uma acumulação de capital eficiente superior àquela que resultará duma indústria sujeita a um regime de maior concorrência.

Ainda assim, estes regimes de indústrias não revelam, por si só, a instabilidade dum complexo de indústrias em que cada uma delas se ache em regime de oligopólio e que entre si estabeleçam relações de cliente a fornecedor.<sup>18</sup> Consideraremos as relações entre a unidade produtora duma matéria-prima, em regime de monopólio parcial e uma indústria produtora de aço em regime de monopólio parcial, a segunda das quais absorvendo normalmente a maior parte do produto da primeira. Liguemos estas indústrias a indústrias de transportes em sistema de monopólio e a um Estado que, através tanto das suas compras como das suas intervenções, exerça uma ação sobre as indústrias anteriores. Obteremos assim uma rica coleção de indeterminações e instabilidades dinâmicas de preços e quantidades. Ainda que as grandes empresas, os grupos e os poderes públicos prossigam uma política regularizadora, a modificação da conjuntura e das relações de forças é causa de transformação. O conflito ou a cooperação entre os planos das grandes unidades e grupos de grandes unidades coordenados e arbitrados pelo Estado influenciam os preços, volume de produção, compras de serviços. É a resultante destas forças que provoca a expansão e o crescimento dos conjuntos movidos.

3. A concentração territorial acrescenta consequências específicas à natureza da atividade (indústria-chave) e ao regime não competitivo do complexo.<sup>19</sup>

(18) Cf. François Perroux, I.S.E.A., Cahiers, série D, n.º 8 Matièreux pour une analyse de la croissance économique, livro I, cap. II: "Os fenômenos do crescimento observados num pólo industrial: O Ruhr".

(19) Sobre todos estes pontos, numerosos exemplos respeitantes ao Ruhr podem ser encontrados no Cahier I.S.E.A. série D, n.º 8 acima citado.

Num pólo industrial complexo geograficamente concentrado e em crescimento, registram-se efeitos de intensificação das atividades econômicas devidos à proximidade e aos contatos humanos. A concentração industrial urbana cria tipos de consumidores de consumo diversificado e progressivo, em comparação com os meios agrícolas rurais. Surgem e encandeiam-se necessidades coletivas (alojamento, transportes, serviços públicos). Ao lucro dos negócios vêm sobrepor-se rendas de localização. Na ordem da produção há tipos de produtos que se formam, interinfluenciam, criam as suas tradições e eventualmente participam num espírito coletivo: empresários, trabalhadores qualificados, quadros industriais.

A estes efeitos de intensificação há que acrescentar efeitos de disparidades inter-regionais. Geograficamente concentrado, o pólo industrial complexo transforma o seu meio geográfico imediato e, se tem poder para tanto, toda a estrutura da economia nacional em que se situa. Centro de acumulação e concentração de meios humanos e de capitais fixos e definidos chama à existência outros centros de acumulação e concentração de meios humanos e de capitais fixos e definidos. Quando dois destes centros entram em comunicação graças a vias de transporte material e intelectual, extensas transformações se desenham no horizonte económico e nos planos de produtores e consumidores.

O crescimento do mercado no espaço, quando resulta da comunicação entre pólos industriais e, mais em geral, entre pólos de atividades territorialmente concentradas situa-se nos antípodas dum crescimento igualmente distribuído. Opera-se pela concentração de meios em pontos de crescimento no espaço de onde irradiam em seguida feixes de trocas; as transformações técnicas, as vicissitudes políticas, a orientação das correntes de tráfego mundial entre pólos maiores favorecem ou desfavorecem os pólos territorialmente concentrados. As concentrações de homens de capitais fixos e fixados, a rigidez das instalações e das estruturas que acompanham o desenvolvimento do pólo fazem também sentir todas as suas consequências quando começa o seu declínio; de centro de prosperidade e progresso, o pólo transforma-se em centro de estagnação.

Mesmo não empregando as expressões "indústrias motrizes" e "pólos de crescimento", historiadores e geógrafos estão familiarizados com estas realidades. Adotar o tipo de análise que propomos parece, pois, corresponder a recusar determinada estreiteza de vistas que a teoria tradicional injustificadamente nos impõe ao privilegiar os fenómenos do mercado e do preço.

Adotada a nova análise, a história das economias nacionais e a teoria do seu desenvolvimento deve ser reelaborada a partir da base. Limitar-nos-emos a indicar as consequências mais gerais desta mudança de ótica.

### 3 — CRESCIMENTO DOS PÓLOS E CRESCIMENTO DAS ECONOMIAS NACIONAIS

A economia nacional em crescimento já não aparece unicamente como um território politicamente organizado em que vive uma população, nem como um aprovisionamento de fatores de produção de mobilidade nula nas fronteiras.

Apresenta-se-nos como uma combinação de conjuntos relativamente ativos (indústrias motrizes, pólos de indústria e de atividades geograficamente concentradas) e de conjuntos relativamente passivos (indústrias movidas, regiões dependentes dos pólos geograficamente concentrados). Os primeiros induzem nos segundos fenómenos de crescimento.

As modificações de ora em diante impostas na apreciação das dimensões e potências económicas relativas das nações são evidentes. Mas devem registrar-se duas consequências fundamentais para a análise do crescimento económico.

1. Verifica-se hoje (e verificou-se outrora sob outras formas) um conflito entre espaços económicos de grandes unidades económicas (empresas, indústrias, pólos) e os espaços politicamente organizados dos Estados nacionais. Os primeiros não coincidem com os segundos; o seu crescimento depende de importações, exportações, centros de aprovisionamento e mercados exteriores ao território nacional. Ora as grandes unidades económicas são os instrumentos de prosperidade e as armas de poderio do Estado nacional.

Daí resultam a freqüente combinação de poderes privados e poderes públicos na gestão das grandes unidades, a luta entre essas grandes unidades capitalistas e "nacionais" a escala mundial, formas de imperialismo simultaneamente privado e político exercidas pelas nações economicamente "reais" e "ativas" em face das nações economicamente "aparentes" e relativamente "passivas". A dialéctica marxista, pondo em relevo o conflito entre as forças de produção e as formas institucionais, assambarca parte da atenção que deveria ser dada a uma outra dialéctica ativa do mundo moderno que se define pelo conflito entre os espaços de crescimento gerados por pólos de crescimento e os espaços territoriais politicamente organizados.<sup>20</sup>

2. Enquanto as políticas nacionais e nacionalistas persistirem num mundo em que estão ultrapassadas pela técnica e pelo desenvolvimento da vida económica, manter-se-ão desperdícios que, mesmo na falta de conflitos violentos, constituem um freio ao crescimento. Cada Estado procura explorar, em benefício exclusivo ou principal dos seus nacionais, os pólos que têm a disposição no

(20) Ou os nós de tráfego estratégicos.



seu território ou que conquistou fora dele. Utiliza parte dos limitados meios de que dispõe em homens e capitais reais e capitais monetários para afastar os concorrentes das vantagens que pretende tirar da detenção exclusiva de pólos de crescimento. Das lutas entre oligopólios quase públicos que põem em risco a prosperidade e a paz. A eliminação ou redução destas práticas não é o menor dos numerosos aspectos duma política de crescimento harmonizado à escala mundial.

J. R. LASUEN

#### 4. A respeito de pólos de crescimento

J. R. Lasuen, Professor de Geografia da Universidade Autónoma de Madrid.

Este artigo foi transcrito de *Growth Centers in Regional Economic Development*, pp. 20-49, Free Press, N. York, 1972, 298 p.